

“QUERIA TER COMEÇADO DESDE NOVO”: O ESPORTE PARALÍMPICO NA HISTÓRIA DE VIDA DE UM DEFICIENTE INTELECTUAL

■ ANDRÉIA PAULA BASEI

 <https://orcid.org/0000-0002-6675-6076>

Universidade Estadual de Maringá, *campus* Regional do Vale do Ivaí

■ RICARDO ALEXANDRE CARMINATO

 <https://orcid.org/0000-0002-4907-5842>

Universidade Estadual de Maringá, *campus* Regional do Vale do Ivaí

■ JHENIFER DA SILVA PEREIRA

 <https://orcid.org/0009-0000-4382-1130>

Universidade Estadual de Maringá, *campus* Regional do Vale do Ivaí

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as influências do esporte paralímpico no desenvolvimento e na trajetória de vida da pessoa com Deficiência Intelectual (DI) a partir da história de vida de um Atleta DI da modalidade de atletismo residente em um município de pequeno porte da mesorregião norte-central do Paraná. Evidenciou-se que, embora a história de vida do Atleta DI seja marcada por inúmeras dificuldades relacionadas, principalmente, com os aspectos financeiros e falta de incentivo para a prática esportiva até a fase da adolescência, o esporte teve/tem um papel extremamente importante como meio de inclusão social e melhoria da qualidade de vida, não somente nos aspectos relacionados à saúde, mas também, psicológicos, sociais e econômicos. Conclui-se que é de suma importância possibilitar o acesso à prática esportiva às pessoas com deficiência considerando os benefícios nos aspectos: físicos/motores, intelectual, social, afetivo e cultural no desenvolvimento como atleta e como cidadão. Ressalta-se como um dos meios a realização da extensão universitária, a qual tem o potencial de colocar em prática a responsabilidade social da universidade pública e contribuir para uma transformação efetiva da realidade.

Palavras-chave: Deficiência intelectual. Esporte paralímpico. História de vida.

ABSTRACT **“I WANTED TO BE STARTED FROM A YOUNG AGE”:
PARALYMPIC SPORT IN THE LIFE STORY OF AN
INTELLECTUAL DISABILITY**

This research aimed to analyze the influences of paralympic sport on the development and life trajectory of people with intellectual disabilities (ID) from the life story of a DI athlete of the athletics modality residing in a small town in the north-central mesoregion of Paraná. It was evidenced that, although the life history of the DI athlete is marked by numerous difficulties related, mainly, with the financial aspects and lack of incentive to practice sports until adolescence, the sport had/has an extremely important role as means of social inclusion and improved quality of life, not only in terms of health, but also psychological, social and economic aspects. It is concluded that it is extremely important to provide access to sports for people with disabilities, considering the benefits in the following aspects: physical/motor, intellectual, social, affective and cultural in the development as an athlete and as a citizen. One of the means is to carry out university extension, which has the potential to put into practice the social responsibility of the public university and contribute to an effective transformation of reality.

Keywords: Intellectual disability; Paralympic sport; Life's history.

RESUMEN **“OJALÁ HABER EMPEZADO DE NUEVO”:
PARALÍMPICO EN LA HISTORIA DE VIDA DE UNA
DISCAPACIDAD INTELLECTUAL**

Esta investigación tuvo como objetivo analizar las influencias del deporte paralímpico en el desarrollo y trayectoria de vida de las personas con discapacidad intelectual (DI) a partir de la historia de vida de un atleta DI en la modalidad de atletismo residente en una pequeña localidad de la mesorregión centro-norte de Parana. Se evidenció que, si bien la historia de vida del atleta DI está marcada por numerosas dificultades relacionadas, principalmente, con aspectos económicos y falta de incentivo para practicar deporte hasta la adolescencia, el deporte tuvo/tiene un papel sumamente importante como medio de inclusión social y mejora de la calidad de vida, no solo en términos de salud, sino también en aspectos psicológicos, sociales y económicos. Se concluye que es de suma importancia brindar acceso al deporte a las personas con discapacidad, considerando los beneficios en los siguientes aspectos: físico/motor, intelectual, social, afectivo y cultural en su desarrollo como atletas y ciudadanos.

Se destaca como una de las formas de hacer extensión universitaria, que tiene el potencial de poner en práctica la responsabilidad social de la universidad pública y contribuir a una transformación efectiva de la realidad.

Palabras clave: Discapacidad intelectual. deporte paralímpico. Historia de vida.

Introdução

Partindo da tentativa de compreender a vida e o cotidiano das pessoas com deficiências (PcD), mais especificamente, com o mote de analisar as influências do esporte no desenvolvimento e na trajetória de vida da pessoa com Deficiência Intelectual (DI), realizou-se uma pesquisa com tipologia história de vida oral temática. O estudo permitiu considerar as subjetividades de um Atleta DI e discutir com maior riqueza de detalhes as suas narrativas, bem como o modo como a sua trajetória foi se construindo e tornando visível a necessidade de políticas educacionais e sociais, assim como maiores oportunidades capazes de desencadear mudanças não só na qualidade de vida das PcD, mas, também, no processo de fomentar visibilidade às questões sociais, como a inclusão social e conscientização da população em geral.

A Associação Americana de Deficiências Intelectuais e de Desenvolvimento (AAIDD) (2022) define a DI como aquela caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo, que abrange muitas habilidades sociais e práticas cotidianas, a qual se origina antes dos 22 anos. A AAIDD conceitua o funcionamento intelectual, também chamado de inteligência, como “[...] a capacidade mental geral, como aprendizado, raciocínio, resolução de problemas e assim por diante”, medida por meio de teste de Quociente de inteligência (QI). A limitação no funcionamento intelectual é considerada quando o indivíduo atinge 70 a 75 pontos no teste (AAIDD, 2022).

Já o comportamento adaptativo refere-se ao “conjunto de habilidades conceituais, sociais e práticas que são aprendidas e executadas pelas pessoas em suas vidas cotidianas”, sendo classificadas em: sociais – habilidades interpessoais, responsabilidade social, autoestima, credulidade, ingenuidade (ou seja, cautela), resolução de problemas sociais e a capacidade de seguir regras/obedecer às leis e evitar ser vítima; conceituais – linguagem e alfabetização; conceitos de dinheiro, tempo e número; autodireção; e práticas – atividades da vida diária (cuidados pessoais), habilidades ocupacionais, saúde, viagens/transporte, horários/rotinas, segurança, uso de dinheiro, uso do telefone (AAIDD, 2022).

Embora as pessoas com DI possuam limitações no comportamento adaptativo e no funcionamento intelectual, elas têm “[...] direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” (BRASIL, 2015, p. 14). Entre os direitos fundamentais, destaca-se, o esporte, o qual se configura como um fenômeno complexo que pode ser estudado e/ou desenvolvido sob diferentes perspectivas de acordo com as suas manifestações: educacional, de participação, de rendimento e de formação (Brasil, 1998).

Para que todas as pessoas possam ter acesso à prática do esporte, com o passar dos anos e a conscientização sobre a importância da inclusão social, surgiu o esporte adaptado. De acordo com Winnick (2004), o esporte adap-

tado é aquele que foi modificado ou criado especificamente para suprir algumas necessidades das PcD. Para Oliveira, Faustino e Seabra Junior (2013), o esporte adaptado possibilitou o acesso ao esporte para PcD, e com isso elas começaram a usufruir dos benefícios que a prática esportiva proporciona.

Ainda assim, nota-se que o preconceito e o número ínfimo de oportunidades ofertadas para que as pessoas com DI possam praticar esportes dificultam desfrutar dos benefícios que podem ser alcançados. A exemplo, cita-se o reduzido número de atletas com DI que participam dos Jogos Paralímpicos e do esporte de alto rendimento, o que contribui para a diminuição da possibilidade destes estarem incluídas na mudança de visão da sociedade, o que podemos caracterizar como negação de um direito humano de acesso e igualdade, previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Dalla Déa *et al.*, 2021).

Entre as modalidades para as PcD, evidencia-se o atletismo, tendo em vista, ser esta a modalidade praticada pelo Atleta DI selecionado para este estudo. Destaca-se que, ao longo dos anos de participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos, o atletismo é a modalidade em que o país conquistou o maior número de medalhas. A exemplo, é possível citar os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de Londres em 2012, no qual o Brasil conquistou 43 medalhas, das quais 18 foram na modalidade de atletismo: sete de ouro, oito de prata e três de bronze; os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016, em que o Brasil conquistou 72 medalhas no total, sendo 33 delas na modalidade de atletismo: oito de ouro, 14 de prata e oito de bronze; e nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, em 2021, das 72 medalhas conquistadas, no atletismo, o Brasil conquistou 28 medalhas, sendo oito de ouro, nove de prata e 11 de bronze. Ao todo, na história das Paralimpíadas, o Brasil conquistou 373 medalhas, das quais 170

no atletismo: 48 de ouro, 70 de prata e 52 de bronze (CPB, 2023).

A principal diferença entre o atletismo convencional e o adaptado é que o segundo apresenta um sistema de divisão dos atletas através da classificação funcional (Mello; Winckler, 2012). Essa classificação é feita para que não haja desvantagens entre os competidores, priorizando a igualdade; no que difere o grau de dificuldade quanto à lesão, as potencialidades e funcionalidades. No caso das pessoas com DI, as classes são T20 e F20. Os que disputam provas de pista e de rua – velocidade, meio-fundo, fundo e maratona – e salto em distância, triplo e altura levam a letra T (*track*) em sua classe. Já os atletas que fazem provas de campo – arremessos e lançamentos – são identificados com a letra F (*field*) na classificação (Mello; Winckler, 2012). Para ser elegível nessas classes, o atleta deve apresentar valor igual ou inferior a 75 pontos nos testes de QI reconhecidos pela International Sports Federation for Persons with Intellectual Disability (INAS-FID), como a Escala de Inteligência de Wechsler (WISC), para crianças entre 6 e 16 anos, as Escalas de inteligência de Wechsler (WAIS) para adultos de 16- 90 anos.

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi analisar as influências do esporte paralímpico no desenvolvimento e na trajetória de vida da pessoa com DI a partir da história de vida de um atleta DI da modalidade de atletismo, residente em um município de pequeno porte da mesorregião norte-central do Paraná.

O estudo é relevante não apenas para ampliar a produção de conhecimentos e ressaltar a importância do esporte no processo de inclusão das PcD, mas, sobretudo, como apontado por Drago e Santos (2013, p. 89), porque o olhar das histórias de vida de adultos com deficiência “[...] pode ser capaz de trazer à tona sentimentos, significações, construções e desconstruções desses sujeitos, que, uma vez

internalizados, podem contribuir para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano”.

Metodologia

A metodologia pautou-se na abordagem qualitativa, utilizando-se como método a história de vida oral temática. A história de vida, conforme Glat e Pletsch (2009), considera como fonte de dados o relato de vida narrado pelo sujeito, cujo objetivo é apreender os significados que ele atribui aos eventos de sua vida. Para o pesquisador, não existe a preocupação de confirmar a veracidade dos fatos, mas compreender o ponto de vista do sujeito. Esse método se mostra profícuo na área da educação especial e inclusiva ou áreas do conhecimento que lidam com sujeitos/grupos excluídos ou marginalizados e

[...] permite ‘falar com eles’, não ‘sobre eles’. Os relatos originais possibilitam conhecer e entender suas trajetórias escolares e/ou laborais, aspirações e desejos, como se dão suas relações com seus familiares, professores, colegas, e demais integrantes de seu convívio social, sob o ponto de vista do próprio sujeito (Glat; Pletsch, 2009, p. 144).

Para a análise dos dados, o procedimento básico consiste em identificar a partir da transcrição da entrevista os conteúdos ou tópicos mais frequentes que emergem do discurso, os quais são agrupados em categorias de análise ou núcleos temáticos (Glat; Pletsch, 2009).

O atleta participante do estudo foi selecionado pelo fato de frequentar um projeto de extensão universitária desde a sua criação e por ter sido esta a sua primeira forma de contato com o esporte paralímpico, tornando-se não apenas sujeito do estudo, mas indivíduo histórico de narrativa ímpar para a compreensão da inter-relação entre a necessidade de oportunizar o acesso ao esporte às PcD, a im-

portância do esporte adaptado, a relevância de projeto de extensão na área e os impactos que podem ser produzidos na qualidade de vida dessas pessoas.

Importante ressaltar que pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (UEM), obtendo parecer favorável à sua realização com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 52657421.2.0000.0104. Posteriormente, foram seguidos todos os procedimentos éticos, desde o contato inicial com o Atleta DI e seu responsável legal, até a realização da entrevista e publicização das informações obtidas. Para preservar a identidade do participante, ele será tratado ao longo deste texto como Atleta DI.

Caracterização do Atleta DI

O atleta é do sexo masculino, tem 26 anos de idade e possui deficiência intelectual diagnosticada ainda quando criança. Ele é o primeiro colocado no Ranking da Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Intelectuais 2021, da modalidade de atletismo nas provas de 5.000 m e 10.000 m, competindo na classe T20 (CBDI, 2022).

O diagnóstico da DI foi realizado a partir da avaliação psicológica e detalhamento do funcionamento mental a partir dos instrumentos padronizados: teste psicométrico WAIS III – Escala de inteligência Wechsler para adultos, escala fatorial de ajustamento emocional, exame do estado mental e, análise do comportamento/personalidade.

Conforme o laudo, o teste psicométrico indicou quociente inferior a 70 QI/61, encontrando-se em uma amplitude de QI entre 50 e 69, DI de nível leve. O desempenho intelectual foi caracterizado como inferior ao esperado para sua idade cronológica e baixos índices de compreensão verbal, organização percep-

tual, memória operacional, velocidade de processamento e aquisição acadêmica. Na escala de ajustamento emocional, apresenta índices satisfatórios para estabelecer relações interpessoais e controle emocional parcial diante de variáveis do ambiente. No comportamento adaptativo, apresenta limitação parcial, não sendo totalmente condizente com sua idade cronológica: a) autonomia – expressa as habilidades básicas de funcionamento do cotidiano, capacidade de executar atividades complexas sem supervisão e interesse na realização de práticas esportivas; b) comunicação – expressa linguagem verbal com dificuldades na comunicação receptiva, compreensão e escrita; c) socialização – não apresenta dificuldades nas relações interpessoais e socioafetivas, tolerância parcial a frustração e as variáveis do ambiente tendo condutas reativas; d) função motora – apresenta coordenação motora fina e grossa preservadas.

Assim, o laudo caracteriza o atleta como deficiente intelectual leve com limitação parcial no comportamento adaptativo.

No que concerne à escolarização, ele frequentou a Escola de Educação Especial, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), desde a infância. Posteriormente, frequentou a Educação de Jovens e Adultos (EJA), na qual concluiu o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Atualmente, dedica-se integralmente à carreira esportiva e reside em um município de pequeno porte da mesorregião norte-central do Paraná com sua mãe e sua irmã ultimogênita. Seu pai faleceu quando possuía 10 anos de idade. Sua mãe é aposentada, e a irmã, com 20 anos, também DI, é estudante da Escola de Educação Especial do município onde residem. Além dessa irmã que reside com a família, ele possui outra irmã com 30 anos, casada, residente em outro município próximo. Somente o entrevistado pratica esportes regularmente na família.

O grupo familiar possui renda mensal de aproximadamente dois salários mínimos, provenientes da pensão por morte do cônjuge e da Bolsa-Atleta recebida pelo atleta. Essas características de renda familiar estão de acordo com os apontamentos de Frederico e Laplane (2020) que, apoiados nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afirmam que, o grupo das PcD recebe entre 1 e 2 salários mínimos. No caso das pessoas com DI, a maioria tem rendimento de até 1 salário mínimo, quase sempre decorrente do Benefício de Prestação Continuada. Conforme os autores, um fator que justifica esse fato é a baixa empregabilidade das PcD, em especial as pessoas com DI, caracterizando-as no grupo de pessoas com menor renda.

Figura 1 – Atleta e troféus conquistados ao longo da carreira esportiva



Fonte: arquivos do Atleta (2023).

Figura 2 – Atleta e medalhas conquistadas ao longo da carreira esportiva



Fonte: arquivos do Atleta (2023).

Apresentação e discussão das informações

Nesta seção são apresentadas e discutidas as categorias temáticas que emergiram da fala do Atleta e permitem entender às singularidades de sua trajetória de vida que, ao ser compartilhada, reflete a confluência de muitas outras trajetórias de PcD que buscam por oportunidades de serem inclusas na sociedade. As discussões foram organizadas como: “Da infância à vida adulta: memórias e narrativas sobre o cotidiano”; “A inserção e as rotinas no meio esportivo em diferentes fases da vida, principais obstáculos para inserção e manutenção no meio esportivo”; e “Percepções sobre o desenvolvimento pessoal e profissional por meio do esporte”.

Da infância à vida adulta: memórias e narrativas sobre o cotidiano

Buscar nas narrativas sobre a história de vida

as memórias da infância até a vida adulta se configura como fundamental para alinhar os fios da trajetória construída pelo atleta. Sobre essa questão, Drago e Santos (2013, p. 90) reforçam que “[...] a internalização das experiências vividas por cada adulto tem início nos processos sociais desde a infância e, portanto nas relações estabelecidas com pessoas, espaços, lugares, cultura”.

As pessoas diagnosticadas com DI apresentam limitações no comportamento adaptativo e funcionamento intelectual, ocasionando barreiras nas habilidades conceituais, sociais e práticas. O atleta relata algumas limitações desde a sua infância até a vida adulta, sobretudo nos processos sociais.

Então, a minha infância, é, antes de eu começar a correr, foi um pouco difícil. Porque eu não conhecia muita gente, era muito bagunceiro na época, e, daí perdi meu pai muito novo, eu tinha praticamente 10 anos, que eu perdi meu pai, morei sempre aqui. E, assim, eu tinha um caminhão de madeira, que um cara fez pra mim, eu andava com esse caminhão pra cima e pra baixo assim (risos), tinha um patinete.

Com esse caminhão andava sozinho. De vez em quando, eu brincava com as outras crianças, assim o patinete andava sozinho. Aí o cara queria me dar uma bicicleta, só que minha mãe não deixou, porque eu era meio louco, pra baixo e pra cima, então ela ficava com medo de eu morrer (Atleta DI).

No excerto da fala, fica evidente que ele teve uma infância com algumas dificuldades de interação com outras crianças ao afirmar que não conhecia muita gente e que brincava sozinho. Também reflete dificuldades de uma família com baixa renda e residente em um município de pequeno porte, fatores que minimizam as oportunidades de acesso a determinadas atividades. Por outro lado, isso pode configurar-se como aspectos motivadores para a autonomia e independência, tendo em vista as possibilidades de “brincar na rua” e andar sozinho pela cidade.

Essas dificuldades ficam ainda mais evidentes nos relatos sobre a fase da adolescência, na qual precisava trabalhar para auxiliar sua família.

[...] na minha idade de 13 anos, eu ajudei uns caras fazer uma casa aqui, servente de pedreiro, fazia um buraco ali, pegava uma carriola de areia, uma coisinha aqui, e, daí veio que eu trabalhei também catando soja, bastante aí (Atleta DI).

O trabalho de crianças, conforme Arroyo, Viella e Silva (2015), com a precarização da vida familiar, pela escassez do trabalho, por vezes o desemprego dos pais, as crianças são colocadas como sujeitos ativos de trabalho para a sobrevivência pessoal e familiar. Dessa forma, “[...] desde bem criancinhas experimentam o seu viver, colado ao precário viver do seu coletivo familiar, social e racial” (Arroyo, Viella; Silva, p. 23).

No que se refere à prática de esportes, na adolescência, ele já demonstrava gosto pela prática. Entretanto, possivelmente por falta de

oportunidade de acesso e conhecimento da modalidade que pratica atualmente, seu interesse voltava-se ao futebol, modalidade com maior difusão cultural.

Do esporte, eu gostava de bola, jogar bola. Na APAE mesmo, eu só queria jogar bola, e quebrava a canela da turma (risos), professor colocava de castigo, e aí brincava, só gostava de bola. Nessa época, o Professor X ainda estava lá na APAE, queria que eu corresse, os outros atletas já ‘tava’ na profissão de corredor, queria que eu corresse, mas eu não queria. Então, eu antes eu gostava de bola, e de brincar de bola. E até eu tinha 13 anos, eu tinha um time de futebol, só que daí eu já parei de mexer com bola, já parei, porque dava muito trabalho demais. E, antes eu fazia reforço, no colégio aqui a tarde aqui, ou a tarde ou de manhã. E quando mais ou menos uns 15 anos, pra 14, 15 anos, eu já comecei na corrida, como atleta, e assim mudou minha vida, daí pra lá mudou minha vida (Atleta DI).

O relato possibilita perceber que estes acontecimentos, voltados ao esporte na infância e adolescência, carregam um sentimento, um significado para a sua lembrança e se fazem presentes em sua vida. Buscando fundamentação em Drago e Santos (2013, p. 90), a narrativa reflete como “[...] as mediações vivenciadas permitem a tomada de consciência de si e do outro, numa relação dialética e semiótica, demonstrando a importância dos processos socioculturais para o percurso da construção ativa do sujeito”.

Na fase adulta, o atleta relata, além da sua rotina de treinos, para a qual dedica maior parte do seu tempo, as responsabilidades com a busca de patrocínios para participar das competições e, também, as responsabilidades familiares.

Eu, de manhã, eu faço meus treinos, acordo de manhã, 6 horas, tomo café, 7 horas vou treinar. Tem vez que fico lá até dar o horário do ônibus, e volto, vou pra academia. Aí a tarde, tem vez que o professor passa o treino pra nós fazer. Aí tem vez que faço algumas coisas em casa daí tam-

bém. Aí corro atrás de uns patrocínios, quando tem competições, aí tem que correr atrás de patrocínio, tudo isso aí que eu faço. [...] Não, agora não estou no momento [trabalhando]. Eu trabalho só que assim, eu sou focado nos meus treinos, então eu sou mais focado nos treinos. Mas eu já trabalhei dois anos, dois anos e meio na prefeitura, no esporte, lá eu trabalhei cuidando da quadra, limpando a quadra, ajudando a limpar o campo, abrir a quadra pra turma jogar, no campo também, sintético. Como estagiário (Atleta DI).

O fato de não estar inserido no mercado de trabalho, embora demonstre interesse e necessidade para tal, vai ao encontro dos apontamentos de Pereira-Silva, Furtado e Andrade (2018, p. 1005) quando, baseados em dados do IBGE, afirmam que no Brasil, “as pessoas com DI são, portanto, as menos absorvidas pelo mercado de trabalho, comparadas com as pessoas com outras deficiências”. Segundo os autores, esse fato se deve a fatores relacionados ao “descumprimento dos atributos legais, a carência de programas de formação profissional, a falta de acessibilidade física e social nas empresas, além do preconceito em relação à contratação da pessoa com deficiência intelectual”.

Os autores também são enfáticos ao afirmar que:

[...] é fundamental a busca de ações que efetivem a inclusão da pessoa com DI no mercado de trabalho, uma vez que o ambiente de trabalho se constituir em um contexto de desenvolvimento, propiciando (ou não) a construção da identidade e de habilidades, a satisfação de necessidades básicas e de objetivos pessoais, a participação no desenvolvimento social e econômico da comunidade e o sentimento de valorização pessoal (Pereira-Silva, Furtado, Andrade, 2018, p. 1005).

Tal qual exposto no estudo de Frederico e Laplane (2020), o escasso poder aquisitivo da maioria das pessoas com DI impede a mobilidade social, mantém o indivíduo e sua família

em situação de pobreza e, portanto, restringe o acesso a atividades culturais e de lazer.

A inserção e as rotinas no meio esportivo nas diferentes fases da vida

Considerando as narrativas e análises construídas na seção anterior, é possível observar que o esporte ocupa lugar de destaque no cotidiano do atleta desde a sua adolescência. Essa é uma dimensão importante que precisa ser explorada, pois conforme Drago e Santos (2013, p. 90) “resgatar a história de vida de sujeitos que viveram/venceram desafios também é uma forma de respeitar suas individualidades, de mostrar à sociedade que pessoas com deficiência galgam caminhos diferentes, possuem características muito peculiares que precisam ser reconhecidas”.

Nesse contexto, buscou-se resgatar as vivências do atleta nas aulas de educação física desenvolvidas na APAE, no período que frequentou a instituição com o intuito de encontrar fatores motivadores que o levaram à inserção no meio esportivo.

Tive, tive aula sim, tive... participei, eu lembro que quando eu estava na APAE, era o professor X, eles fizeram os jogos escolares, eu lembro até que nós fomos campeões ainda. Então na APAE, eu só gostava de bola, bola, bola, bola... e aí quando eu saí de lá e passei pra cá [na escola regular] daí eu fiquei meio de lado, eu não participava não. Na APAE participava, participava [da educação física], nós jogava bets, jogava bola, aí tinha tênis de mesa, tinha natação, que fazia. Eu gostava mais bola, né!? Quando passava assim é... dominó, xadrez, eu já não gostava muito não (Atleta DI).

Nota-se que ele não menciona a modalidade de atletismo no período escolar. Assim, questionou-se especificamente sobre essa questão, ou seja, como ele teve contato com o atletismo e se de alguma forma as aulas de

educação física estimularam ele a praticar o atletismo.

Um pouco foi sim. Foi, pra mim foi, porque eu via os atletas, lá, treinando, e daí indo para outros lugares também, então pra mim foi. Só que na época que era pra mim ter começado, não comecei, que era na época da infância, porque antes era só bola, só gostava de bola, jogar bola, jogar bola. Aí o professor queria colocar a gente pra correr, mas eu não queria nem saber de nada disso aí, dessas coisas. Aí também via muito na TV, a gente vê muito na TV, a corrida de São Silvestre, no final do ano, que tem. Então ainda na infância não fiz assim o atletismo, eu falo assim, se o tempo voltasse atrás, muito melhor, mas não volta. Queria ter começado desde novo, tipo dos 12 anos, 13 anos de idade, eu já comecei velho (Atleta DI).

Nota-se que a inserção do meio esportivo se deu tardiamente no entendimento do próprio Atleta, mas que, em pouco tempo obteve um avanço considerável no rendimento, especialmente com relação às habilidades motoras e capacidades físicas necessárias à modalidade. Corroboram para o entendimento desse processo de crescimento as colocações de Vargas e demais autores (2014, p. 62) de que “todas as crianças com deficiência intelectual possuem um atraso cognitivo que afeta a velocidade de aprendizagem. Porém, nem todas as crianças com esse tipo de deficiência apresentam necessariamente dificuldades motoras”.

Ademais, é necessário considerar que, além de uma possível falta de oportunidade e vivências na modalidade de atletismo durante sua infância, aspectos relacionados ao desenvolvimento podem ter influenciado em sua trajetória. De acordo com Vargas e demais autores (2018), quando se trata de desenvolvimento infantil de crianças com algum tipo de DI, as expectativas em relação ao crescimento e desenvolvimento motor devem ser menores, uma vez que essas crianças apresentam atraso na aquisição de habilidades motoras, indican-

do que o marco do desenvolvimento de habilidades fundamentais e especializadas podem emergir em tempo diferenciado das crianças sem DI.

O atleta relembra, também, como foi o contato com o professor que o convidou para participar de sua primeira competição no atletismo, motivado pela possibilidade de viajar, começou a treinar para essa competição.

Então foi assim. Aqui, antes morava um atleta, que estudou na APAE também, e ele corria, muito. Então o professor Y, na época, ele deu aula aqui, e tinha vez que eu ia lá, na escola, ver ele, conversar com ele, e... esse atleta aí conhecia muito o professor Y, e aí eu vi ele, e conversei com ele, até num bar aqui, cheguei nele e falei, ah e daí como tá as coisas? E o professor como que tá? Ah o professor Y tá lá. Aí falei, e você tá competindo? Aí ele falou ah... porque ele tinha parado. Aí ele tinha falado, ah eu tô sabendo que vai ter uma prova lá em Foz do Iguaçu, os jogos escolares, aí eu falei pra ele, você tem o contato desse professor aí, pra mim conversar com ele? Ele disse ‘tenho’. Aí eu peguei esse contato, liguei pra ele, liguei pro professor Y, eu falei assim... ah professor, fiquei sabendo que vai ter uma prova assim, aí ele falou... ‘ah vai ter, mas eu não garanto pra você que eu inscrevo você’, aí nisso, eu já estava estudando aqui, no colégio municipal. Foi muito difícil eu sair da APAE, mas deram a, é... como que eles falam... a transferência pra mim sair, então ele falou assim: ‘Então você pega e vai treinando aí, que se der alguma coisa aí você vai, mas não garanto’, falei: Ah beleza. Aí fui treinando no campo, fui treinando, fui treinando. Aí ele me ligou e falou: ‘Deu certo lá, você vai para os jogos escolares, vai fazer uma prova dos 1.500 metros. Então vai ligar outro professor pra você, que seria no caso o professor Z, pra ajeitar como que vai, a van, tudo certinho’, daí o professor Z me ligou, e daí foi.

A principal motivação para a inserção no meio esportivo foi pelo contato com professores que atuam na área e que observaram potencial para o desenvolvimento do atleta. Por outro lado, notam-se também o entusiasmo e

o início da dedicação do atleta. Isso reflete os apontamentos de Brancatti e demais autores (2017, p. 173) de que “os atletas com deficiência são muito dedicados porque vêem o esporte como oportunidade de vencer na vida” e isso “permite a eles grandes possibilidades que podem promover a inserção dos mesmos à sociedade”.

Entusiasmado ao relatar a oportunidade que surgiu naquele momento, o Atleta conta como foi a sua primeira participação em uma prova oficial, a qual se configurou como o início da sua carreira esportiva.

Fui para essa primeira prova de Foz do Iguaçu, e aí eu tenho a foto dela até hoje, da primeira prova minha. Aí eu fui pra lá, e na época, a gente não sabia de nada, era três voltas e meia, mas eu peguei e saí no ritmo, eu sei que na hora que... acho que nem bateu o sino, acho que a mulher só falava lá, falta 3 voltas, 4 voltas. Sei que quando foi a última volta, peguei e corri, e eu ia correr mais uma, aí o professor falou: ‘Acabou, acabou, já acabou’. Aí eu deitei no chão desmaiado, a primeira prova, falei: Ah, morri, aí levantei, assim chorando, e o professor falou: ‘Você ganhou! Você ganhou! Você ganhou!’ Falei: Não acredito! Aí daquilo começou, começou, aí nós fomos para as pistas, academia. Aí o professor Y falou: olha se você treinar você tem chance de bolsa atleta, só que você tem que treinar, fazer isso, isso, isso. Aí começou, começou a vida de atleta. Não treinava nada [antes da prova em Foz do Iguaçu], nem sabia coordenação de corrida, não sabia nada, corri lá por correr mesmo, dali aprendi muita coisa (Atleta D1).

A experiência relatada transparece as motivações para continuar a competir, entre as quais se sobressaem questões como: vencer a primeira prova sem estar treinando regularmente; possibilidade de receber bolsa atleta e; novas aprendizagens. Embora essas motivações fossem ainda de um período de inserção no meio esportivo, o atleta vislumbrava que o esporte poderia oferecer-lhe possibilidades acerca da capacidade de aproximar e unir pes-

soas e transformar suas vidas, em conformidade com as constatações do estudo realizado por Brancatti e demais autores (2017).

Para além, é perceptível que, entre as motivações para seguir na carreira esportiva, está a possibilidade de viajar, conhecer outras cidades e fazer amizades, levando em conta o quanto é recorrente nas falas a menção desses termos.

Porque assim, via os amigos correndo, e assim, eu gostava, porque os outros falavam: ah o atleta tá em tal lugar, ah o atleta foi correr em tal lugar, ah o outro tá em tal lugar, tal país lá, por isso (Atleta D1).

Então, pra você ver, antes eu gostava de bola, tinha um time de futebol. Então aí fui, igual eu falo, foi o que gosta, do esporte [atletismo]. Achei, foi assim a mais, a mais recente, ainda mais a primeira prova que você vai e ganha. Aí você se anima, aí você fala: ah, agora vai pra frente, me animei mais, e aí foi o ano que, onde eu fui pra São Paulo a primeira vez (Atleta D1).

No estudo de Vicarri e Mattes (2018, p. 76) encontra-se semelhança aos relatos no sentido de que, “diversos fatores motivacionais levam atletas com deficiência à prática de esportes, tais como o desejo de competir, de ser campeão, a busca de convívio social e de auto superação [sic]”.

Dando seguimento, questionou-se o atleta sobre a sua rotina de treinos.

Já tem 10 anos [que pratica atletismo]. Então, dia, segunda, quarta e sexta, é na pista, aí terça e quinta é academia. Os treinos é o que o professor passa, né!? Chega lá na hora, fala: hoje é tiro de 400, ele tem a planilha certa, então ele fala: hoje é tiro de 400, pra tanto intervalo, pra tanto os tempos certinhos. Então, possui o acompanhamento técnico, na parte da tarde ele passa também os treinos. Na terça e quinta é na academia. Na academia, treina força, mais força para os braços, para as pernas, daí bastante abdominais, tem também agachamento, que nós fazemos, e tem a base também, tem o treino básico. Ele [professor] passa o treino para nós

lá na academia, ele que faz o acompanhamento nosso lá (Atleta DI).

Considerando a rotina de treinos, recorre-se ao estudo de Pestana e demais autores (2018), o qual conclui que “[...] intervenções envolvendo exercícios aeróbicos, especialização esportiva e uma combinação de força muscular e exercícios aeróbicos realizados 2 ou 3 vezes por semana por mais de 40 minutos são recomendadas para adultos com DI”.

Por outro lado, pode-se perceber o compromisso, a dedicação e a seriedade com que ele compreende a rotina de treinos. Fica claro, com isso, que “[...] o esporte adaptado para PCD pode abarcar desde o sentido de alto rendimento e busca pela vitória em competições, assim como o sentido de ressignificado, ligada à busca pelo prazer, autoconhecimento e reabilitação” (Brancatti *et al.*, 2017, p. 165). Caracterizando, assim, o esporte como uma forma de prática de atividade física institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, cujos praticantes precisam conhecer as regras e os gestos técnicos específicos de cada modalidade com o objetivo de obter resultados que são mensurados e fundamentados na superação de outros competidores ou de marcas e resultados anteriormente estabelecidos pelo próprio atleta (Barbanti, 2012, p. 57).

O atleta destaca ainda que, antes de sua primeira prova, não tinha uma rotina de treinos e que, ao iniciar em 2014, no projeto de extensão desenvolvido em uma universidade pública, ainda guarda os treinos e matérias de jornais das provas que participou.

Então antes de Foz eu não treinava não. Em 2014, eu acho que foi, eu tenho até os treinos aqui que eu guardo. Eu treino certinho desde 2014. Olha essa foto aqui [mostrou a foto], a primeira corrida minha, não sei se dá pra ler. Tá no jornal, os jogos escolares 61º, foi realizado do dia 11 a 17 de agosto de 2014 (Atleta DI).

Destaca-se como ele é capaz de rememorar todos os momentos relacionados à sua inserção no esporte e os sentimentos que provem dessas lembranças, a satisfação e o orgulho pelas conquistas e pela possibilidade de relatar a sua história.

Principais obstáculos para inserção e manutenção no meio esportivo

É de conhecimento que o acesso e a participação de PCD no esporte, nas suas diversas manifestações e, principalmente quando se trata do esporte de rendimento, são dificultados por inúmeros fatores que vão desde a oportunidade de conhecer diferentes modalidades, o incentivo e apoio familiar até questões financeiras.

Diante dessa ponderação, buscou-se conhecer os obstáculos enfrentados pelo atleta na sua trajetória esportiva. O primeiro obstáculo refere-se ao incentivo da família.

Olha, na época, eu não tive incentivo nem da minha mãe. Se eu te falar uma coisa, era difícil! Porque tinha vez assim que o professor Y passava treino de manhã, tava aquele frio e eu ia treinar. Chegava em casa, vermelho, e daí a mãe tava dormindo. Eu acordava cedo, assim, 6 horas da manhã e ia no escuro, no campo mesmo para treinar. Então, assim, eu falo hoje que a gente tem que se apegar muito a Deus. Porque se a gente for, é igual eu sempre disse, se tiver 200 pessoas, é lá que 50 te ajuda, o resto só te atrapalha. Pelo incentivo, porque você escuta de um lado aqui, você escuta do outro, foi muito difícil, mas graças a Deus eu cheguei aonde eu quero chegar, e quero chegar mais longe ainda (Atleta DI).

Conforme o atleta, a ausência de incentivo por parte de inúmeras pessoas estava pautada na fala de que a carreira esportiva não proporcionaria nada a ele.

Falavam: Rapaz para de correr, rapaz! Não sei pra que você está nessa carreira aí! Ficar se ma-

tando, correndo aí no sol quente! Para de correr! Você não vai ganhar nada com isso! Para com isso aí rapaz! Ah... bastante gente [falava isso], daqui mesmo, de fora. Amigo, próprio funcionário da prefeitura também, gente bom da grana também, falava, muita gente falava isso aí. Então é, é coisa que assim, fica pra história, hoje assim, que não é fácil não (Atleta DI).

Contudo, um dos aspectos mais relevantes sobre a falta de incentivo de outras pessoas aparece na fala relacionada ao aspecto financeiro.

Ah era pra fazer outra coisa, nem pra esporte, falava ah... para com isso, vai trabalhar. Aí usava aqueles shorts, aquelas roupas, aí oh..., se tá feio aí rapaz, uma franga aí oh... Para com isso, vai se machucar, fica correndo pra baixo e pra 'riba' aí, não ganha nada mesmo. Aí minha mãe conseguiu ver que eu tinha alguma coisa, quando eu ganhei minha primeira bolsa, falei: Mãe, agora vou ter um 'salarinho' por mês! Aí ela animou, todo mundo anima! E... Começou a ajudar, aí quando eu não comprava umas coisas, ela comprava daí as coisas pra mim. Mas até hoje tem parente meu que não gosta que eu corra, até hoje tem parente que não quer que eu corra. Antes eles falavam, mas agora não falam nada, e tem parente meu aqui que eu nunca mais vi na minha vida, não vejo mais (Atleta DI).

Dadas às narrativas, recorre-se a Reis, Araújo e Glat (2019, p. 8) em que se evidenciam “[...] a força das limitações atribuídas às pessoas com deficiência intelectual, por conta do estereótipo da impossibilidade de aprender ou se desenvolver”. Frente a isso, os autores salientam que “pessoas com deficiências se defrontam, constantemente, com o desafio de provar que têm capacidade de desenvolver diferentes habilidades e resistir ao descrédito social”.

Entretanto, os estudos têm evidenciado que

O esporte talvez seja uma das atividades com maior potencial para contribuir na luta anticapacitista, por expor para a sociedade de maneira notória que corpos com deficiência podem

ser produtivos, belos, eficientes e atingir níveis elevados de desempenho (Seron *et al.*, 2021, p. 10).

Observa-se que o Atleta conseguiu superar inúmeras adversidades, desde financeiras até o próprio incentivo para continuar a trajetória no esporte. E, embora muitas pessoas não entendessem o esporte como oportunidade de desenvolvimento pessoal e mesmo como melhoria da qualidade de vida, ele também relata que algumas sempre o incentivaram.

Elas falavam assim: você não pode ouvir o que os outros falam, você tem que continuar, se você for ouvir tudo o que o povo fala, você não vai seguir em frente, então segue aí no que você gosta, continua, você tem o dom (Atleta DI).

Desse modo, nota-se que contrariamente as atitudes sociais que, conforme Reis, Araújo e Glat (2019, p. 10), “[...] podem cristalizar a internalização da incapacidade de aprender, produzindo baixa autoestima e conformismo com uma vida limitada e pouco desafiadora”, o atleta demonstra superar todas as limitações e buscar os objetivos que almeja. E, apesar de atribuir o seu progresso e as suas conquistas a um “dom”, a uma aptidão natural, em toda a trajetória fica explícita toda a dedicação aos treinamentos, a seriedade com que trata isso no seu cotidiano, os esforços para alcançar objetivos e melhorar constantemente seus resultados.

Dadas as dificuldades relatadas, buscou-se compreender de onde vêm os recursos financeiros para atender às suas demandas.

Hoje é patrocínio pra se manter, falar que tem um padrinho que está todo mês ali esperando você de braços abertos, não tenho. E assim, igual eu falei, eu tenho essa bolsa. Só que eu penso, cada ano que passa, cada dia que passa, essa bolsa aí. Aí você tem que ficar pedindo, pedir um pouco ali, um pouco aqui, e eu não tenho nem apoio da prefeitura hoje mais. Então perto das competições, mais ou menos um mês, 15 dias, só que assim, antes eu representava o patrocina-

dor direto, agora eu não faço mais isso, porque parou de ajudar. É igual eu falei, antes meu braço direito era a prefeitura, mas pararam, mas estamos levando aí. Hoje eu tenho a bolsa, esse ano é o terceiro ano que recebo (Atleta DI).

Fica evidente que a principal fonte de recursos é a Bolsa Atleta. O Programa Bolsa Atleta foi instituído pela Lei nº 10.891/2004 do governo federal, cujo objetivo é destinar o benefício aos atletas praticantes de esporte de alto rendimento em modalidades olímpicas e paralímpicas (Brasil, 2004). Contudo, o atleta relata que o valor não é suficiente para atender às suas demandas diárias básicas, recorrendo à busca por patrocínios para participar de competições e adquirir outros materiais e suplementos necessários para os treinos.

Você vai mandar mensagem para o patrocínio, ele olha sua mensagem, mas não responde. Então é muito difícil, e a gente pegar dinheiro da gente pra ir não dá, porque daí você fica sem pra comprar outros negócios. É muito complicado, hoje eu acho que o nosso Brasil tem mais incentivo no futebol, do que no atletismo. Eu penso assim, se o município, se tem 10 modalidades, eu acho que ele tem que incentivar as 10, não só uma, eu penso comigo. Então é difícil, complicado. Só que todo dia eu falo, eu rezo por cada pessoa que me ajuda, que está comigo. Rezo também para ganhar mais patrocínios. Mas eu vou levando, até agora mesmo eu já, foi essa semana, já selecionei uns patrocínios no caderno, pra sair pedindo para São Silvestre, eu gosto de selecionar bem antes. Já entrei em contato com a gráfica que ela vai ceder o banner, que eu vou levar pra São Silvestre. Mas quando eu falo que vou em um lugar eu vou, eu vou (Atleta DI).

Pode-se observar que, apesar do atleta, atualmente, reconhecer as mudanças proporcionadas em vida em decorrência da prática esportiva, ele faz parte de uma minoria que possui resiliência para se manter na carreira esportiva dadas as dificuldades cotidianas que precisam ser superadas. Apesar de explicitar uma mudança na sua história de vida, há uma série de

questões que se relacionam à permanência das PcD no esporte e à sua progressão na carreira.

Percepções sobre o desenvolvimento pessoal e profissional por meio do esporte

A realização de atividades e exercícios físicos e a prática de esportes podem trazer diversos benefícios para as PcD desde a infância até a idade adulta. Conforme Cardoso (2011, p. 533),

A prática de atividades desportivas para pessoas com deficiências, além de proporcionar todos os benefícios para seu bem estar e qualidade de vida, também é a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias à sua deficiência e promover a integração social e a reabilitação da pessoa com deficiência.

Conforme Brancatti e demais autores (2017, p. 171), ao realizar uma pesquisa sobre a história de vida de PcD física inseridas no esporte, verificou-se que todos os participantes relataram mudanças a partir da inserção deles no esporte. Entre elas, destacaram-se: a possibilidade de conhecer o esporte paralímpico, as diversas competições esportivas, a conquista de novas amizades, o aprendizado e a proximidade com pessoas que vivem as mesmas condições que lhes impõem a deficiência, o recomeço em um novo emprego, a melhora nas relações afetivas com familiares e amigos. Portanto, os autores observaram uma série de possibilidades acerca da capacidade que o esporte tem em aproximar e unir pessoas e transformar suas vidas.

Nesse contexto, buscou-se compreender a partir da história de vida do atleta como o esporte contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal considerando aspectos como: saúde, estilo e qualidade de vida; autonomia e independência; autoestima e estética corporal; desempenho físico; inclusão social e fazer ami-

zades; aspectos financeiros; discriminação e preconceito, assim como os objetivos para o futuro no meio esportivo e na vida pessoal.

É possível notar que o atleta possui consciência da importância e benefícios do esporte, uma vez que relata uma percepção de mudanças em sua vida após iniciar sua vida esportiva.

Primeiro a saúde, que eu acho que mudou muito, pra mim, a disciplina também mudou bastante, é... conhecimento também, você vai e conhece bastante lugar, as pessoas, as amizades também, e... mudou tudo hoje, muda a cabeça, ou a pessoa não vai, não entra nas bebedeiras, coisas ruins, festas, não sei, pra mim não vai (Atleta DI).

Outro aspecto diz respeito à autonomia e à independência proporcionada ou desenvolvida por meio da inserção no meio esportivo. A autonomia tem por objetivo desenvolver o potencial humano, sendo importante para o desenvolvimento físico e psicológico das pessoas com deficiência, assim como para fazerem suas próprias escolhas e tomadas de decisões, tendo sucesso nesse processo dependendo da realidade de cada indivíduo.

No excerto da fala a seguir, é possível identificar que ele possui autonomia e independência para desenvolver praticamente todas as suas atividades cotidianas.

Um pouco sim, tem umas coisas que a gente não sabe, e... meio burrão ainda, eu já estou com 26 anos e até hoje não aprendi dirigir, mas pra mim também não tenho vontade. No dia a dia... me considero independente, dá pra viver sozinho (Atleta DI).

A prática de esportes representa muito mais que saúde, pode aumentar também a autoestima e confiança. Quem começa a praticar atividade física ganha também controle emocional, diminuição da ansiedade e melhora no humor (BRASIL, 2005). O atleta deixa esses aspectos explícitos no seu relato:

Ah, eu sinto assim que o corpo da gente muda, que a gente é mais magro, e pelos treinamentos, antes quando eu ia em uma prova, tinha medo, porque se fala tá aquele atleta lá, o cara tem um corpo, ixi, vai voar. Então, mas nada, fui perdendo o medo, confiança (Atleta DI).

Nas concepções de Comim (2019), o esporte é uma fonte de incentivo para o desempenho físico do atleta, principalmente do Atleta DI, pois geralmente a participação de atividades esportivas é condicionada à obtenção de desenvolvimento pessoal, contemplando objetivos que transcendem os propósitos do esporte, o qual figura como uma estratégia de desenvolvimento humano. Isso não reflete apenas uma percepção técnica/profissional daquelas que convivem com o atleta, mas, sobretudo, o próprio discernimento dele quanto à sua evolução no decorrer da trajetória. Para ilustrar, aponta-se o excerto a seguir, no qual ele descreve mudanças nos seus treinos.

Fiquei mais forte, você ia para academia fazia e não aguentava nada, era 5 Kg cada lado, hoje faço 40 cada lado. Agachamento 'ponhava' 10 Kg, hoje faço com 25 cada lado. Fora a força. A... a boniteza cara!? Antes eu tinha cabelo, agora não tem mais cabelo. A resistência, eu gosto mais é de correr no sol quente, 15h assim, quando está com o sol quente eu corro. Velocidade melhorou, esse ano pra mim, estou até contente. Ainda mais por causa dessa pandemia, que parou tudo, mas bem certinho, estou ranqueado em três provas esse ano. Pelo que o professor falou, então melhora muito, melhora muito mesmo, e a gente não acreditava, nos percursos, igual fazia aqui (Atleta DI).

Pode-se depreender da narrativa questões relativas à inclusão social, à autonomia e às experiências vividas possibilitadas pela prática esportiva. Essa problemática da inclusão social e da autonomia das PcD é histórica, devendo-se à representação sobre a deficiência desde os primórdios da civilização, em que se tinha a imagem do deficiente como inca-

paz, vergonhoso e que deveria ser mantido esse estereótipo, dificultando sua inserção em qualquer atividade social como, por exemplo, no esporte. Essa realidade tem se modificado, ainda que de maneira tênue, por meio da conscientização das pessoas e das políticas públicas para garantir os direitos das PcD. Isso trouxe mudanças na vida dessas pessoas, especialmente por sentirem-se valorizadas e ter oportunidades dignas de todos os cidadãos.

Ah... hoje eu me sinto assim, feliz né! Porque você vai nos lugares, aonde eu vou, sou bem recebido, nas casas, nos lugares, conhecendo gente nova, tem lugar aí que eu nunca conheci, e conheci. Até da última vez que eu fui pra São Paulo, eu conheci o centro de São Paulo. Eu fui de ônibus pra Barra Funda, então ‘nós passou’ no centro, no cine teatro, achei bastante bonito. Ah... eu me sinto feliz, contente. A gente tá contando, ah... eu fui lá, vi tal coisa, tiramos fotos. Hoje eu estou com mil e poucas fotos só de corridas, e as redes sociais, você faz as redes sociais, aí toda hora gente seguindo você, o bom é isso! (Atleta DI)

Nessa mesma vertente, Cardoso (2011) aponta que a prática do esporte adaptado é essencial para a qualidade de vida da PcD.

Grandes benefícios são evidenciados com a prática desportiva por PcD, entre estes podem ser destacados, a reabilitação física, psicológica e social, melhoria geral da aptidão física, grandes ganhos de independência e autoconfiança para a realização de atividades da vida diária, além de uma melhora do autoconceito e da autoestima dos praticantes (Cardoso, 2011, p. 530).

Para além dos benefícios relacionados aos aspectos citados, são relevantes as colocações do atleta sobre a importância da Bolsa Atleta, tanto para a melhoria da sua qualidade de vida quanto para o seu desenvolvimento no esporte. Embora o valor seja baixo e insuficiente para suprir todas as necessidades, conforme ele apontou anteriormente, também é considerado fundamental para outros custos.

Eu lembro que a primeira bolsa que eu peguei, o primeiro pensamento que eu quis, e fiz, foi o túmulo do meu pai, no cemitério ali. Eu fiz o túmulo dele. Aí comprar as coisas pra mim, coisas diferentes pra comer, tênis também, que ajuda bastante, alimentação, guarda-roupa também comprei com o dinheiro da bolsa, eu comprei (Atleta DI).

Cada vez mais cresce a importância do esporte como ferramenta de desenvolvimento humano sendo um importante instrumento que promove oportunidades e lições, assim como o estabelecimento de objetivos pessoais, além de proporcionar ascensão financeira e social (Machado, 2008).

Os relatos do atleta deixam evidente que a inserção no meio esportivo proporcionou inúmeras mudanças e oportunidades em sua trajetória de vida. Oliveira, Gonçalves, Seabra Junior (2017) corroboram para o entendimento da trajetória do atleta ao apontar que o esporte de alto rendimento sempre irá exigir o máximo de desempenho de seus praticantes, sejam eles pessoas com ou sem deficiência. O importante é que existam, concomitante ao esporte de alto rendimento, práticas inclusivas e estimuladoras, que trabalhem o esporte sob a perspectiva da inclusão, e como oportunidade de desenvolvimento e qualidade de vida para seus praticantes.

Para além das conquistas relatadas, buscamos conhecer os seus objetivos para o futuro, seja no âmbito pessoal ou do esporte.

Hoje, eu quero, se Deus quiser, eu quero fazer uma casa pra minha família, quero também ser campeão mundial, se Deus quiser e tentar uma Paralimpíadas ainda. E baixar os meus tempos cada vez mais, eu já tenho um objetivo para o ano que vem já (Atleta DI).

Por fim, cabe ressaltar, tal qual o estudo realizado por Brancatti e demais autores (2017), que a inserção no esporte praticamente transformou sua vida, uma vez que “[...] con-

tribuiu significativamente para melhorar a autoestima, a confiança, a amizade entre os atletas, a independência, a cooperação e, como já afirmamos, uma qualidade de vida superior, saúde e o bem estar físico e mental” (Brancatti *et. al.*, 2017, p. 173).

Considerações finais

O conteúdo deste artigo trouxe para discussão a influência do esporte paralímpico no desenvolvimento e na trajetória de vida da pessoa com DI a partir da história de vida de um Atleta DI da modalidade de atletismo residente em um município de pequeno porte na mesorregião norte central do estado do Paraná.

O esporte apresentou uma importância significativa na trajetória de vida e desenvolvimento do atleta, que teve uma infância e adolescência marcada por dificuldades financeiras e poucas oportunidades de acesso ao esporte. Para a inserção no meio esportivo ele também precisou superar algumas dificuldades, dentre as quais destaca-se a questão financeira e a falta de incentivo para a prática esportiva, inclusive pelo grupo familiar.

Entretanto, evidenciou-se que o esporte teve/tem um papel extremamente importante como meio de inclusão social e melhoria da qualidade de vida, não somente nos aspectos relacionados à saúde, mas também, psicológicos, sociais e econômicos. Fica explícito na trajetória relatada que a prática esportiva acarretou benefícios nos aspectos: físicos/motores, intelectual, social, afetivo e cultural no desenvolvimento como atleta e como cidadão. Pode-se observar que o esporte adaptado apresenta importância em diferentes vertentes, desde a conscientização das pessoas sobre a concepção de deficiência até aquela de formação e desenvolvimento da própria pessoa com deficiência, além do impacto direto na história de vida das PcD.

Cabe ressaltar que o acesso ao esporte paralímpico para esse atleta ocorreu por meio de um projeto de extensão de uma universidade pública. O projeto foi criado justamente para atender à carência regional de projetos de atividades físicas e esportivas direcionadas à PcD, cujas finalidades voltam-se à promoção da interação e inclusão social. Além dos benefícios diretos aos participantes, a desconstrução de preconceitos sociais sobre a deficiência, projetos dessa natureza têm o potencial de colocar em prática a responsabilidade social da universidade e contribuir para uma transformação da realidade.

Para finalizar, sugere-se a realização de estudos que possam continuar tensionando problemas sociais, tal qual a inclusão social e o desenvolvimento das PcD e o direito ao acesso a todas as formas de manifestação cultural, entre os quais destaca-se o esporte adaptado e paralímpico. Pesquisas podem e devem colaborar não apenas para desconstruir preconceitos com relação à deficiência, mas para que essas pessoas possam usufruir de seus direitos e gozar de condições e oportunidades de sujeitos emancipados.

Referências

ARROYO, Miguel; VIELLA, Maria Lopes; SILVA, Maurício Roberto (org.). **Trabalho infância**: exercícios tensos de ser criança, haverá espaço na agenda pedagógica? Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

American Association on Intellectual and Developmental Disabilities. **Intellectual Disability**. Disponível em: <https://www.aaid.org/intellectual-disability/faqs-on-intellectual-disability>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 54–58, 2012. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRANCATTI, Paulo Roberto *et al.* História de vida de

peças deficientes físicos que participam nos projetos de basquete sobre rodas e atletismo adaptado. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v.18, n.2, p. 159-176, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/7505>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRASIL. **Lei n. 10.891**, de 09 de julho de 2004 – Institui a Bolsa-Atleta. Brasília, 2004.

BRASIL. **Política nacional do esporte**. Ministério público do esporte. Brasília, Ed. 5, 2005. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/politicaNacional/politicaNacionalCompleto.pdf>. Acesso em: 5 out. 2021.

BRASIL. **Estatuto da pessoa com deficiência**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 12 abr. 2021.

CARDOSO, Vinicius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p.529-539, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/KVK8XWkSVGyMZLxqXgB8kqH/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2023.

COMIM, Flavio, **Artes e esportes [livro eletrônico]: relação com desenvolvimento humano integral**. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2019.

COMITE PARALIMPICO BRASILEIRO - CPB. Jogos Paralímpicos de verão: resultados do Brasil. Disponível em: <https://cpb.org.br/competicoes/jogos-paralimpicos-de-verao/resultados-do-brasil/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Intelectuais. **Ranking Atletismo CBDI 2021**. Disponível em: <http://cbdi.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Ranking-Atletismo-CBDI-2021-Novo.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

DALLA DÉA, Vanessa Santana. *et al.* Participação da pessoa com deficiência intelectual e síndrome de Down nas Paralimpíadas: o direito à visibilidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 77-87, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/194549>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DRAGO, Rogério; SANTOS, Camila Reis. História de vida na pesquisa com adultos com deficiência: algumas reflexões. **Revista Educação: Teoria e Prática**, v. 23, n. 44, p. 81-94, 16 dez. 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/6945>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FREDERICO, Jacqueline Costa; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Sobre a Participação Social da Pessoa com Deficiência Intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 3, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/r4nbdV8m-LHZ7Jw5pFp79R7n/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia. O método de história de vida em pesquisas sobre autopercepção de pessoas com necessidades educacionais. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 34, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/268>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MACHADO, Raoni Perruci. Atleta Como Maior Legado Olímpico. *In*: Katia Rubio, (Org.) **Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social**. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2008. p. 161-185.

MELLO, Marco Túlio; WINCKLER, Ciro. **Esporte Paralímpico**. São Paulo, Atheneu, 2012.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva; FAUSTINO, Pedro Ferreira; SEABRA JUNIOR, Manoel. O. Adaptações de estratégias e recursos como auxílio a prática do badminton às crianças com deficiência intelectual. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. Edição Especial Julho, p. 600-611, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/292>. Acesso em: 22 dez. 2023

OLIVEIRA, Amalia Rebouças de Paiva; GONÇALVES, Adriana Garcia; SEABRA JUNIOR, Manoel. O. Badminton e esporte adaptado para pessoas com deficiên-

cia: revisão sistemática de literatura. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.18, n.1, p. 93-108, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6957>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PESTANA, Mayara Borkowske *et al.* Efeitos do exercício físico para adultos com deficiência intelectual: Uma revisão sistemática. **J. Phys. Educ. São Paulo**, v. 29, Edição 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/hv8wzTd4w7PFpw6wYVDRQsQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PEREIRA-SILVA, Nara Liana, FURTADO, Adelaine Vianna, ANDRADE, Jaqueline de Melo. A Inclusão no Trabalho sob a Perspectiva das Pessoas com Deficiência Intelectual. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p. 1003-1016, Jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/ZK6HxCdKT9d-gw4dDXrYw5DK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2023.

REIS, Joab Grana; ARAÚJO, Suéllen Melo; GLAT, Rosana. Autopercepção de pessoas com deficiência intelectual sobre deficiência, estigma e preconceito. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019, pp. 1-16. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/33882>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SERON, Bruna Barboza *et al.* O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista: dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Revista Movimento**, [s. l.], v. 27, p. e27048, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movi->

[mento/article/view/113969](https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/113969). Acesso em: 17 abr. 2023.

SILVA, Diego Orcioli *et al.* Atividade física para pessoas com deficiência: Guia de Atividade Física para a População Brasileira. **Revista Brasileira Atividade Física e Saúde**, v.26, Bezerra ES, 2021. Disponível em: <https://rbafs.emnuvens.com.br/RBAFS/article/view/14558>. Acesso em: 29 mar. 2022.

VARGAS, Leandro Martinez *et al.* Desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais em crianças com deficiência intelectual: diferença entre os sexos. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.** São Paulo, v. 18, n. 1, p. 83-103, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-03072018000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 dez. 2023.

VICCARI, Gabriely Souza; MATTES, Verônica Volski. Construções e transições de carreira no esporte adaptado: um estudo de caso com uma atleta paraolímpica da seleção brasileira de voleibol sentado. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 19, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/8392>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WINNICK, Joseph. **Educação física e esportes adaptados**. 3.ed. Barueri: Manole, 2004.

Recebido em: 15/03/2023

Revisado em: 25/11/2023

Aprovado em: 12/12/2023

Publicado em: 24/12/2023

Andréia Paula Basei é doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do curso de Educação Física do Departamento de Ciências do Movimento Humano da Universidade Estadual de Maringá (UEM), *campus* Regional do Vale do Ivaí. *E-mail*: andreiabasei@yahoo.com.br

Ricardo Alexandre Carminato é doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá/Universidade Estadual de Londrina (UEM/UEL). Docente do curso de Educação Física do Departamento de Ciências do Movimento Humano da UEM, *campus* Regional do Vale do Ivaí. *E-mail*: racarminato@uem.br

Jhenifer da Silva Pereira é graduada em licenciatura em Educação Física, do Departamento de Ciências do Movimento Humano da Universidade Estadual de Maringá (UEM), *campus* Regional do Vale do Ivaí. *E-mail*: pereirajhenifer101@gmail.com